

Cinema na escola: olhar, experimentar e inventar*Renata Lanza*

A cada ano, os filmes estão mais presentes como recurso didático na escola. Todavia, a escola, quando se afirma como reprodutora do conhecimento acumulado pela humanidade, o faz por meio de informações e de ilustrações, de conteúdos prontos e acabados, despotencializando assim o uso da imagem para o processo de criação e invenção.

Para que a criação e a invenção de imagens aconteçam no ambiente escolar, procurei, em minha tese de doutorado, estabelecer encontros entre a escola e o cinema. Encontros que provocassem possíveis conexões de aprendizagem e dialogassem com Fresquet (2007), que aposta que o cinema permite, para professores e alunos, uma aprendizagem estética para olhar para si e para o mundo. Com Almeida (2001) que nos diz que o cinema na educação poderia transformá-la em algo vívido e fundamental. Com Bergala (2008) que afirma que a arte não se ensina, a arte se encontra, se experimenta e, se transmite por outras vias além do discurso do próprio saber. E com, Miranda (2011) que acredita que a pedagogia deve abandonar

a sua arrogância de ciência das normas, métodos e preceitos para se preocupar com a imaginação, nos apresentando de forma atenta e balbuciante diante de nossos alunos para que a palavra não se solidifique como verdade sobre as culturas, as mídias e a realidade.

Mas, seria possível aprender com o cinema e, se sim, como isto se daria? Quais seriam os dispositivos necessários para desenvolver essa experiência? A criação cinematográfica no âmbito escolar teria força suficiente para transformar algumas formas habituais de pensar e de agir dos alunos? Estas foram algumas das indagações para que cada aluno criasse com as imagens em movimento.

Quanto às estratégias de construção de trajetórias e deslocamentos adota-se a intervenção. Conforme Passos e Barros (2012) a intervenção, enquanto método cartográfico, sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, num plano de produção ou de coemergência, ou seja, de plano da experiência.

Nessa intervenção, uma das ações utilizadas foi realizar o "Minuto Lumière", além do desejo da expressão (Dávila e Maneguzzo, 2009) que colocaria em colapso a similitude entre o olhar da câmera e olhar dos olhos. Sendo assim, enfrenta-se o efeito de realismo da imagem com a própria imagem, buscando fissuras na ideia de representação.

Ao analisar as imagens capturadas constata-se que durante a experimentação transporta-se para novos modos, novas formas e novas configurações do mundo. Elaboram-se, então, hipóteses sobre as coisas e o mundo.

No filme-ensaio, "Quedas", vê-se uma torneira jorrando água e ouve-se a aluna dizer "cachoeira". Essa disjunção entre imagem (torneira pingando) e palavra (cachoeira) assinala para a multiplicidade dos modos de criar para quantas forem as possibilidades para as criações ou invenções segundo nossas escolhas pessoais. Quem vê as imagens pode se convencer

que de fato estaria diante de uma cachoeira. Ou, que a torneira pingando poderia provocar outras possibilidades, transformando e transportando-se para outros mundos.

No filme-ensaio "Chão" ocorrem tentativas com acertos e erros. Todavia, o erro ao longo de todo o percurso, não pode ser considerado simplesmente erro, mas pode ser visto como outra possibilidade. Nesse filme-ensaio, curiosamente, pode-se constatar que tudo que deu errado foi o que teve mais valor. A intenção do aluno era filmar o chão sujo, que muito o incomodava, porém, ao enquadrar o chão, viu-se que não havia uma imagem em movimento, não havia uma ação no quadro. Assim, quem filmava pediu à sua equipe de filmagem que passasse na frente da filmadora com o objetivo de dar um movimento à cena.

O interessante neste ensaio foi a precariedade da cena, visto que esta não apresenta a perfeição de uma produção, mas o que deveria ser feito. Para quem assiste o ensaio, os vestígios imperfeitos da busca de um movimento para a imagem chamam mais a atenção do que a cena propriamente dita. Vê-se no movimento de dentro a tentativa de fazer outra coisa.

Analisar as imagens capturadas possibilita observar o nascimento das ideias, a formulação de hipóteses e o desenvolvimento de novas formas de sentir, pensar, ver e ampliar a própria experiência. Permite descobrir a própria capacidade de aprender e utilizar as forças criativas que existe em cada um, para abrir o campo da percepção e o uso das sensações, destacando modos de criar sobre os acontecimentos, possibilitando que singularidades também se expressem para além do padrão hegemônico de pensar que vai além da ilustração e representação das imagens.

Sobre a autora: Renata Lanza é doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP. Professora efetiva da Rede Municipal de Ensino de Campinas/SP.

Referências

ALMEIDA, Milton José. *Imagens e Sons – a nova cultura oral*. São Paulo: ed. Cortez, 2001.

BERGALA, Alain. *A hipótese-cinema*. Rio de Janeiro: ed. Book Link, 2008.

DÁVILA, Betânia P. e MENEGUZZO, Estevão M. O Curso de extensão CINEAD e os *Minutos Lumière*. In FRESQUET, Adriana. *Aprender com experiências do cinema*. Rio de Janeiro: ed. Book Link, 2009.

FRESQUET, Adriana. *Imagens do Desaprender* : Rio de Janeiro, ed. Book Link, 2007.

LANZA, Renata. *Conjunções entre escola e cinema: pesquisa-intervenção em duas escolas da Rede Municipal de Ensino de Campinas*, (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, 2015.

MIRANDA, Carlos E A. *Fazer cinema na Educação, uma utopia em construção*. FRESQUET, A. (org.) Dossiê Cinema e Educação #1 – Uma relação sobre a hipótese cinema de Alain Bergala. Rio e Janeiro: Booklink, CINEAD-LISE-FE/UFRJ, (Coleção Cinema e Educação) 2011.

PASSOS, E. e BARROS, Regina B. *A cartografia como método de pesquisa-intervenção*. In PASSOS, E. [et.al.] (or.) *Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre, Sulina, 2012.